

CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA CARTOGRAPHIES OF MEMORY

Laize Santos de Oliveira

Mestranda em Literaturas Portuguesa e Africanas – UFRJ, bolsista CAPES

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v12n1p105>

RESUMO:

Ondjaki carrega a pena sob o peso de memórias íntimas, vividas e inventadas no tempo e espaço do “antigamente”. Nessas memórias, escapam retratos de uma Luanda em sua eterna busca identitária. Num tom irônico mescla a crítica ácida e o deboche pueril, mas sua escrita permite, sobretudo, sonhar a Angola do futuro, através de uma literatura utópica e geoficcional. A escrita da ironia em Ondjaki desvela múltiplos desdobramentos do eu e do outro. O eu nas revelações e percepções do narrador sobre esta cidade e o outro a própria cidade “multiperspectivada”. Luanda é geográfica, cultural, ancestral, cordão umbilical e, também, lugar inventado. Este artigo tenciona discorrer sobre as múltiplas faces que a cidade de Luanda apresenta, a partir do olhar do narrador de Ondjaki, percorrendo para isso suas cartografias da memória.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia; memória; utopia

ABSTRACT:

Ondjaki carries his pen under the weight of intimate memories, both lived and invented on the age and space of former times. Those memories reveal portraits of a Luanda which fights an eternal battle for its own identity. With a sardonic tone, the author mixes acid criticism and childish mockery, but his writing allows us to dream of a future Angola by way of his utopian and “geofictional” literature. The ironic writing unveils multiple facets of the self and the other. The self, in the revelations and perceptions of the narrator; the other, through the city itself, with its multiples perspectives. Luanda is geographic, cultural, ancestral, an umbilical cord, as well as an invented place. This article aims at reflecting about the multiple facets that the city of Luanda has according to Ondjaki’s narrator; to achieve this goal, it will travel through his cartographies of memory.

KEYWORDS: cartography; memory; utopia

Ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. No entanto, há uma relação entre ambos.

Italo Cavino

Toda cidade tem seus mapas. Cartografias concretas e imaginárias combinadas harmoniosamente. E cada vez que evoco Luanda é uma Luanda

prismada que se materializa diante dos meus olhos. Cidade furta-cor ora se revela reino de Nzinga, ora se esconde nos becos de um musseque.

Embora jamais tenha ido a Luanda, já estive em cada pedaço desta terra. Visitei o Mussulo, já andei de candongueiro e ainda hoje visito o mercado Roque Santeiro, extinto há alguns anos. Mas toda essa viagem só é possível através da literatura, lugar das cartografias inventadas.

Como já afirmava Milton Santos, o que compõe a cidade não é apenas e necessariamente a paisagem geográfica, mas as relações humanas estabelecidas neste espaço. Baseando-se nas teorias de Milton Santos, a escritora Tânia Macedo tece a afirmação:

Esse ponto de partida parece-nos interessante à medida que as cidades são examinadas não apenas enquanto paisagem geográfica, mas como espaço (para usarmos aqui uma definição cara à geografia contemporânea), e, portanto, sua função, sua funcionalidade e o imaginário de que as mesmas são investidas contam decisivamente em seu desenho. (MACEDO, 2008, p.31)

Literatura e cidade sempre se imiscuíram e se enriqueceram, mas foi a modernidade e *as flores do mal* que nos trouxeram para dentro da cidade. Na persona de um *flâneur*, fomos descobrindo a cidade que nos habita, caminho sem volta.

Para conhecer os (des)caminhos a que a literatura nos leva não é preciso bússola, basta compactuar com a ficção, saber de verdade o que é mentira, saborear as mentiras de verdade.

Nos caminhos angolanos, “contar histórias” esteve sempre presente. O que se iniciou através da oralidade e caminhou em círculos temporais na voz de um *griot* tornou-se na atualidade uma necessidade inconsciente e coletiva; ainda hoje, alguns povos angolanos vivem de contar histórias; portanto, a arte de narrar resistiu, transgrediu e transcendeu o tempo.

Dentre todos os caminhos que nos levam à África foi através do escritor angolano Ondjaki que fiz minha viagem iniciática. E no processo de descobrimento do outro, a África, encontrei um eu perdido nos flagelos da história.

Sobre esta relação da sociedade com o narrar e como isto se reflete na literatura, Ondjaki afirma:

Luanda é uma cidade cheia de histórias. (...) É uma cidade onde as pessoas estão viciadas em histórias, há uma teatralidade muito grande. Acho que Luanda é de facto uma cidade de histórias, uma cidade onde normalmente a própria realidade escreve melhor que os escritores. E são os escritores que seguem a realidade tentando entender um pouco de como poderão trazer essa realidade às histórias. Uma cidade de ficção, uma cidade de fantasia. O povo angolano sofreu muito por várias razões – a guerra e outras privações –, mas nunca perdeu essa capacidade de sonhar.(ONDJAKI, 2009, *site*¹)

A produção de Ondjaki sempre se apresenta de forma geográfica, mas uma geografia articulada, a geografia da memória, dos afetos, dos lugares por onde a poesia exala: e, se, num instante, revela o local, em outro transgride os limites da geografia física. É Luanda, o mundo e lugar nenhum.

Escrevo a palavra luanda

veio a melodia e me soprou a noite pelas entranhas adentro — eu era um peixe-lua solto nos acordes dessa viola tonta. sorri com os dedos da mão. quase matei um mosquito que passava [mosquitos tem quantas vidas...?]
a cidade está dormir a esta hora
[a cidade sonha...?]
todas pessoas
muitas
todas histórias bonitas
amanhã
vão acontecer de novo
[a beleza das estórias gasta?]

Luanda
és uma palavra deitada
nas cicatrizes
de uma guerreira bela.
(ONDJAKI, 2009, p. 42)

A dimensão geográfica dessa poética apresenta-se como um aparente paradoxo, pois, ao mesmo tempo que rompe barreiras geográficas, está repleta de traços íntimos, em que perpassam os caminhos da identidade e alcançam Luanda em seu nascimento como nação independente.

Paradoxo aparente, pois a cartografia criada por Ondjaki em suas obras é o que o próprio poeta descreve como a “geografia-literária”: os lugares evocados só se sustentam enquanto vestígios de uma literatura contemporânea, na qual os limites se esbarram e se confundem até quase não existirem.

A poética de Ondjaki se aproxima da teoria de Antonio Candido a respeito da articulação espacial de um poeta, ou como mesmo define, o “poeta itinerante”, em que a viagem, ou as andanças não são muito mais metafóricas e reflexivas do que corpóreas.

À poesia itinerante devemos associar outra modalidade que pode ser qualificada como *poesia de perspectiva*, na qual a meditação, sucedendo a uma andança implícita, é feita a partir da altitude, como ocorre frequentemente no próprio Wordsworth. Lembremos certas composições de Lamartine, nas quais a meditação não deriva do deslocamento no espaço, mas do movimento da vista a partir de um lugar alto. (CANDIDO, 1993, p. 262)

Em “escrevo a palavra luanda”, esta geografia se esbarra com a terra natal do poeta, com a descrição de uma noite em luanda, na qual o eu-lírico desfruta do som do violão que ele mesmo toca; ele e o violão são agentes e pacientes da música, ora um toca e o outro se deixa embriagar pela música e vice-versa. Um passa os dedos por entre as cordas e o vilão sopra música por entre suas entranhas, numa visceralidade poética capaz de transportar o leitor para esta noite e de adentrar o sopro do violão nas vísceras de quem lê.

A viola está também entorpecida, tonta, envolvida pelos dedos que a tocam, pela melodia que dela mesmo provém e pela cena desvelada por esta noite. O eu-lírico por sua vez é um peixe-lua solto a se movimentar quase involuntariamente, absorto pela melodia, pela noite, por luanda. E deleitando-se, sorri, mas o faz com as mãos, com os dedos que dedilham a viola. Perdido pela melodia, o eu-lírico acidentalmente quase mata um mosquito, um ser que perambula pela cena e pelo poema. E se indaga quantas vidas esses insetos têm. Já num quase despertar (e o quase despertar é também metáfora pungente), o eu-lírico começa a olhar ao redor e perceber que a cidade “está a dormir”. E logo acrescenta: “será que a cidade sonha...?”

Essa indagação tipicamente juvenil, mas profundamente lírica, ganha dimensões locais, ao inferirmos, a partir de certa reflexão, que um país em guerra não sonha com certa facilidade, são sonhos difíceis, são noites difíceis e não menos belas por seu contexto.

O sujeito lírico reflete a condição da cidade, do ponto de vista interno, inserido nesta cidade, nesta Luanda que descreve. Será que há no espaço da cidade, geográfico ou metafórico, lugar para sonhar? Será que há espaço para a utopia?

Esta reflexão da possibilidade do sonho vai da significação mais simples ao desejo utópico de um futuro próspero para uma cidade recém-nascida, a partir da perspectiva ampla, universal, descreve “a” cidade, a bela guerreira que carrega desde seu nascimento uma cicatriz, uma fissura, a Luanda com letra minúscula, a cidade íntima das memórias do poeta. O eu-lírico aproxima o sonhar das cidades do sonhar a cidade em seu futuro como mulher/terra independente.

As cidades dormem, mas será que sonham? Metonimicamente referindo-nos aos seres que habitam as cidades, quando os vaga-lumes urbanos se apagam, será que estão todos a dormir e sonhar? Esses versos contemplativos nos remetem ao universo infantil, em que as crianças, antes de dormirem, passam horas a pensar e indagar sobre as mais variadas coisas, a filosofar, a poetizar a vida.

Os últimos versos revelam a cidade por uma de suas faces: a Luanda pela perspectiva da guerra. Luanda é uma palavra que adormece por entre as cicatrizes de uma luta sem fim.

E a guerra é um dos fatores transformadores do corpo da cidade, como afirma Raymond: “Numa época de guerra, crescimento populacional e crise social internacional, a imagem da cidade sofreu mais um desenvolvimento acelerado”. (WILLIAMS, 1990, p.371)

Luanda é, contudo, uma guerreira bela. Uma cidade que, mesmo em sua natureza bélica, preserva a sua beleza através dos seres que a habitam e dessas histórias que estão sempre a se repetir.

Assim como o eu-lírico se indaga, nós também nos indagamos. Será que a beleza permanece numa história que está sempre a se repetir? A incerteza e o cansaço de uma rotina bélica podem intentar tirar o brilho das retinas luandenses e as histórias podem perder sua beleza, mas a cidade não pode deixar de sonhar e acreditar que é capaz de modificar o curso deste círculo vicioso. Acordar sem deixar de sonhar.

O poema revela a cidade em duas de suas potencialidades: a cidade numa perspectiva macroscópica, e nesta podemos identificar as cidades do mundo; e a cidade num recorte geográfico em que só cabe Luanda. O plural e o particular.

Há uma forte confluência do particular para o universal e vice-versa, como marca recorrente na poética de Ondjaki. O poema parte de um cosmo particular, da noite do eu-lírico, na cena ao violão, vai em direção à cidade, às cidades, às pessoas e termina em Luanda. Ondjaki sempre visa a trabalhar o eu sem negligenciar o outro, o particular sem deixar de ser universal, ou transnacional, como preferem denominar alguns pesquisadores.

O título “Escrevo a palavra luanda” revela os andaimes do artifício, o fingimento acaba, ou finge que acaba. Já no título uma outra Luanda é revelada. A Luanda de papel, a Luanda por escrito, deitada, que só existe enquanto discurso, enquanto imaginário. A cartografia da memória do poeta.

A partir da escrita de um tempo e espaço do “antigamente”, de uma noite que “veio” e passou, de um tempo em que o sujeito poético “era” e não mais é um peixe-lua, Ondjaki revela a cidade (Luanda) sempre nostálgica e pura sob um espectro infantil. Luanda é um cosmo de magia, onde nem a mais dura das realidades é capaz de suplantar o brilho de tradições que esta cidade apresenta.

Este antigamente, figura recorrente da poética de Ondjaki, remete-nos às histórias angolanas, mais especificamente às estórias caluandas do poeta Luandino Vieira. Este escritor é uma das vozes que ecoam na poesia de Ondjaki.

A infância é em Ondjaki o eu que recorda, é ponto de partida destas narrativas memorialísticas. É na infância que o escritor constrói sua primeira

identidade e é por meio dela que vai buscar enxergar a busca da multifacetada identidade nacional.

Dessa forma, podemos concluir que “dentro desta ampla mobilidade, que é a história cotidiana de nosso mundo, a literatura continua a corporificar a variedade quase infinita de experiências e interpretações” (WILLIAMS, 1990,p.385). Ou seja, embora a literatura não tenha a função de veículo do cotidiano, é capaz de (re)interpretá-lo e transformá-lo.

A escrita do poeta angolano Ondjaki é intencionalmente esta literatura engajada com o real e de viés utópico, cuja crença no poder transformador de realidades sua escrita sempre apresenta. A literatura em sua polivalência é sonho possível e também uma “babel feliz”. (BARTHES, 1996, p.10)

NOTA:

¹ Entrevista concedida, em 23.07.2009, ao portal Saraiva, conteúdo disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10079> Acesso em 02-03-2015.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Jaime Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BIRMAN, Joel. “O sentido da retórica: sobre o corpo, o afeto e a linguagem em psicanálise”. In: BEZERRA Jr. e PLASTINO, Carlos Alberto. *Corpo, afeto e linguagem*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 12. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMILO, Vagner. *Riso entre pares: poesia e humor românticos*. São Paulo: EDUSP,1997.

CANDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CHAVES, Rita. Resenha de *Materiais para confecção de um espanador de tristezas*, de Ondjaki. In: *IPOTESIS*. Vol.14. Juiz de Fora: Jul/Dez 2010.

FIGUEIREDO, Monica. *No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

MACEDO, Tânia. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: UNESP, 2008.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MAQUÊA, Vera. *A cidade e a infância e Os da minha rua*. Apontamentos sobre Luandino Vieira e Ondjaki. In: XI ABRALIC. São Paulo: USP, ju.l 2008.

MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ONDJAKI. *Materiais para confecção de um espanador de tristezas*. Lisboa: Caminho, 2009.

_____. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Trad. Moacir Wernek. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro (Coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa*. Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ; Setor de Literaturas Africanas da F. Letras da UFRJ, 1999.

_____, MACEDO, Tania e CHAVES, Rita. *Brasil & África. Como se o mar fosse mentira*. São Paulo: UNESP, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

Texto recebido em 30 de março de 2015 e aprovado em 08 de maio de 2015.